

*O poeta come amendoim: considerações sobre
semiótica poética*

(The poet eats peanuts: considerations about the
Semiotics of the Poetic Text)

Sonia I. G. Fernandez

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: Refletiremos neste espaço sobre uma proposta de leitura de poema com base na colaboração entre leitores por reconhecer nela méritos que podem estimular/ajudar os leitores a vivenciar o problema real da leitura em interação e propiciar conhecimento sobre si mesmo e sobre a recepção de textos literários. Em face disto, o sentido a ser alcançado, ao final do processo de leitura deve ligar o texto ao leitor, através do contexto linguístico e cultural, visando aproximá-los e não afastá-los. Ao fim e ao cabo, um trabalho em uma perspectiva semiótica, na medida em que consideramos semióticos os processos que condicionam a produção dos discursos poéticos, estes também articuláveis e formalizáveis.

Palavras-chave: assimetria entre texto leitor; semiótica poética; mediação de leitura

Abstract: We intend to develop in this paper some reflections concerning the collaborative role played among readers. We acknowledge the benefits that may emerge from such a situation which may stimulate readers to experience the reading process in an interactive way as a means of promoting knowledge about oneself and the reception of literary texts. Within this perspective, the meaning to be achieved in the end of the reading process should bind the text to the reader through the linguistic and cultural context, aiming at bringing them closer, rather than leaving them apart. A Semiotic perspective is used here, as we consider the processes that determine the production of poetic discourses semiotic, and as such, it can be articulated and formulated.

Keywords: asymmetry between reading and text; poetical semiotics; reading mediation

O aluno universitário dos cursos de Letras vem apresentando dificuldade para ler os textos literários, especialmente os poéticos, sem falar da quase impossibilidade de formular para si teorias e métodos de estudo e de investigação a partir das solicitações de uma prática cheia de urgências e de uma dinâmica bastante estranha às necessidades da vida contemporânea. Por outro lado, as leituras teóricas seja da Estética da Recepção, da Neorretórica, da Pragmática Literária ou da Desconstrução acabam prevalecendo sobre a própria recepção quando não sobre o próprio texto, muitas vezes sem levar em conta ou não devidamente a sua poética. Considerando esses dois fatos, nosso propósito é o de, desde dentro da instituição literária, mediar a leitura, com vistas postas no caráter polisêmico do texto, colaborando assim para uma prática mais especializada.

Neste caso, não poderíamos deixar de levar em conta a fragmentação a que está sujeito o indivíduo na vida moderna (ou pós-moderna) e, conseqüentemente, a noção de identidade do sujeito e de formação dessa identidade. Qualquer ação neste sentido supõe o móvel, o instantâneo e o impactante. Por isto, para aproximar os leitores da poesia de Mário de Andrade, de resto de todos os poetas modernos é preciso acolher as referências de leitura ou de audição de poemas que esses leitores trazem consigo. Para, em seguida, planejar o que fazer com a recepção do poema em questão, que vai se dando a conhecer dentro de um marco relativamente original, segundo as situações de leitura e as experiências de cada um.

A tomada de consciência da diversidade e pluralidade de referências por parte dos leitores envolvidos é uma das ações que colaboram para esse planejamento, pois outras maneiras de pensar avalizam diferentes expectativas quanto ao texto e auxiliam na confirmação e correção das hipóteses de leitura. Neste sentido, consideramos a formação do indivíduo como um caminho para a cidadania, bem como a literatura como um bem com função humanizadora.

As falhas de interpretação (coerência semântica e/ou pragmática) são parte, pois, da leitura-atribuição de sentido do texto poético, na medida em que a inteligência é a faculdade de recordar experiências tentadas, comparar resultados, apropriar-se de experiências dos outros para satisfazer a própria necessidade de perfeição e progresso (FREI-

NET, 1976). Nesta proposta metodológica, portanto, a verbalização do leitor está para a reflexão do pesquisador, assim como a leitura/crítica do primeiro está para a observação do segundo. A leitura se constrói ao final da crítica colaborativa, na qual as impressões e inferências dos leitores participam tanto quanto as informações do pesquisador.

Uma obra literária não é um objeto que se sustenta por si mesmo, no sentido de que não se dá igualmente a todos os leitores de todas as épocas, já afirmava Jauss (1979). Por isto, aproximar os leitores de hoje dos textos poéticos é uma tarefa que pode ser levada a cabo com algum sucesso, se tivermos em conta a diversidade de informações e a originalidade da mente de cada um. Por isto, o propósito deste texto é também descrever uma atividade de leitura que, respeitando esses axiomas, mostra a riqueza de possibilidades de leitura do poema “O poeta come amendoim”[1924], de Mário de Andrade, extraído do livro *Clã do Jabuti* [1927], que transcrevemos a seguir.

*O poeta come
amendoim:
considerações
sobre semiótica
poética*

103

‘Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...

Foi o Sol que por todo o sítio imenso do Brasil

Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...

A noite era para descansar. As gargalhadas brancas dos mulatos...

Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.

Os Caramurus conspiram na sombra das mangueiras ovais.

*Só o murmurejo dos cre’m-deus-padre irmanava os homens de
meu país...*

*Duma feita os canhamboras perceberam que não tinha mais
escravos,*

Por causa disso muita virgem-do-rosário se perdeu...

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta República

temporã.

A gente inda não sabia se governar...

Progredir, progredimos um tiquinho

Que o progresso também é uma fatalidade...

Será o que o Nosso Senhor quiser!...

Estou com desejos de desastres...

*Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas
Se encostando na cangerana dos batentes...
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido
Tenho desejos de gemer e de morrer.*

*Brasil...
Mastigado na gostosura quente de amendoim...
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remeixo melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois remurmuram sem malícia as rezas bem nascidas...
Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.’
(ANDRADE, 1987, p. 161-2).*

Uma das possibilidades do pesquisador (o lugar do pesquisador aqui equivale ao lugar do professor de literatura ou de um mediador de leitura) é, em reconhecendo a articulação da linguagem poética em dois planos simultâneos: expressão e conteúdo (GREIMAS, 1975, p. 12), explorar a linguagem, no nível morfossintático, sem esquecer a importância da projeção da imaginação para a construção do processo cognitivo. Neste poema, os leitores se defrontam de imediato com problemas para estabelecer a relação entre os primeiros versos: “Noites pesadas de cheiros e calores amontoados.../ Foi o Sol que por todo o sítio imenso do Brasil/ Andou marcando de moreno os brasileiros.” Eles não veem uma lógica em cada uma das orações e também não atinam com o sentido delas em conjunto. O que lhes falta? Reconhecer um vocabulário e uma gramática (morfologia e sintaxe) que, segundo J. C. Coquet (1975) é no que consiste a leitura, de início. Depois reconhecer regularidades,

redundâncias significativas, coerência sintagmática, em busca de uma organização discursiva autônoma. Entretanto, o poeta modernista faz cortes, interrompe a sintaxe, superpõe e acumula sugestões que criam dificuldade para o leitor com pouca intimidade com textos poéticos e, neste sentido, o conceito de leitura que adotamos aqui é que encaminha e justifica o fazer semiótico. Este definido “como uma práxis científica, como um ir-e-vir entre a teoria e a prática, entre o construído e o observável” (GREIMAS, 1975, p. 13). Porém, para nós, o papel da leitura não é o de validar a teoria, senão o de incorporar campos de observação e experimentação.

Deste modo, passamos a incluir em nosso discurso as falas pensantes sobre o discurso poético que vimos observando no processo de leitura do poema em questão. O leitor X solta esse comentário já no princípio do trabalho: O poeta queria falar do “Sol”, por que então começou a estrofe com “noites pesadas”? Isto atrapalha a compreensão, acrescentou ele. Como levar esse leitor a perceber o desejo que coroa a linguagem desse poema? Se numa primeira aproximação ele não percebeu a sinestesia “cheiros de calores amontoados” e não foi capaz de reconhecer a suspensão da noite para dar lugar à imposição do “Sol”, procedimentos que, uma vez reconhecidos poderiam dar-lhe pistas para a compreensão do poema. A resposta não pode ser simples.

Considerando-se que o poema é construído com base na suspensão: “Estou pensando no tempo de antes de eu nascer.../ A noite era para descansar. As gargalhadas brancas dos mulatos.../ Silêncio! O imperador medita os seus versinhos.”, etc, o leitor terá que encontrar um meio de reunir esses fragmentos e construir um sentido para eles, apesar do seu raciocínio lógico não aceitar essa somatória de sugestões como índice de sentido. Ele está preso à sintaxe, pois busca uma lógica (narrativa) e a linguagem tal como está constituída o confunde mesmo. Tanto é verdade que as primeiras observações começam a aparecer com base em marcas históricas do poema: o Imperador, a República e personagens

da história do Brasil: os Caramurus, os canhamoras, escravos. Figuras que ele supõe, reconhece, embora não consiga relacionar dentro do segmento semântico dessa estrofe.

Outro leitor observa que o poema também se refere a costumes dos brasileiros: mastigar amendoim, rezar, sentimento pachorrento, o que revela um jeito de ser. Estava dada a senha para a exploração mais profunda do texto. O jeito de ser se concretizou na “gargalhada dos mulatos”, no “murmurejo dos cre’m-deus-padre, no “progredimos um tiquinho”, no “desejos de violas e violões sem sentido”. E a percepção da originalidade com que “Brasil” e “pátria” foram expressados veio em seguida. Neste ponto, alguns leitores se dão conta da abundância de substantivos e verbos relativos aos sentidos: mastigado, gostosura, molham, gosto e aos aspectos físicos e algumas ações: língua, dentes, beiços, remeleixo, beijos, que colaboram para que o texto deixe de ser opaco.

Essa exploração ou tateio experimental (FREINET, 1976) favorece a reunião dos eventos morfossintáticos que, uma vez sistematizados, possibilitam a alguns leitores alcançarem certa compreensão do texto. É interessante notar que neste poema que leva o título de “O poeta come amendoim” os objetos são percebidos em primeiro lugar, o eu-lírico, contudo, ainda não dá mostras de ser notado por alguns leitores. Porém, ao enfatizarmos a subjetividade na percepção de cada um, ao trazer à consciência as diferentes contribuições é que o pesquisador logra a seguinte hipótese: amendoim é o gosto que a língua “brasileira” tem para o poeta. Daí por diante eles identificam a presença da primeira pessoa, primeiro em “Tenho desejos de violas e solidões sem sentido/ Tenho desejos de gemer e de morrer” e só depois em “Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...”, com o que alguns fazem relação com os tempos aos quais já se tinham referido antes, ou seja, ao Império e à República. Mas alguém objeta: que tempo é esse? Esse jeito pertence a esse tempo específico ou se estende até os dias de hoje? O que é República temporã?

Neste ponto, muitas contribuições vão se somando e a compreensão do tempo e do espaço vai se dando, mas esse “Brasil... [...] falado numa língua curumim” ainda provoca vazios de compreensão. O que tem a ver esse tempo passado com o jeito, com as sensações, de que estivemos falando? Embora alguns achassem que esse tempo e essas sensações fossem as do poeta e só dele, outros entendiam que era também dos brasileiros de um modo geral; que há coincidências entre o poeta e os brasileiros, no que se refere a expressões como: “balanço das minhas cantigas, amores e danças”, à “expressão muito engraçada”, “ao jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir”.

Chamou atenção o fato de não terem destacado o pronome possessivo (minhas), justamente o de primeira pessoa, que assinala a subjetividade. A mesma que os leitores tiveram dificuldade de perceber. Essa conversa mediada pela linguagem poética é muito profícua, pois o leitor olha para o texto com a sua própria experiência, cada um observa com seus próprios olhos “mudos” ou não e os vazios vão se preenchendo com notas de várias fontes e aqueles que são os mais reticentes são os que trazem, às vezes, contribuições inestimáveis. Por exemplo, aquele que não via nada, que achava que todos estavam devaneando veio com a observação que faltava: ora, não comentamos uma das estrofes, o que fazem esses versos aí no meio do poema se até agora só falamos dos primeiros e dos últimos:

A gente inda não sabia se governar...
Progredir, progredimos um tiquinho
Que o progresso também é uma fatalidade...
Será o que o Nosso Senhor quiser!...
Estou com desejos de desastres...

Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas
Se encostando na cangerana dos batentes...
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido
Tenho desejos de gemer e de morrer.

*O poeta come
amendoim:
considerações
sobre semiótica
poética*

Casualidade ou não, esse leitor percebeu exatamente as estrofes que ligam a primeira parte à segunda parte do poema, na qual aparece a única expressão “a gente” justo que liga uma parte à outra do texto. É neste ponto que o texto por meio do pronome pessoal de terceira pessoa – próprio da língua portuguesa do Brasil – , que se refere a um “nós” (progredimos) consegue fisgar o leitor. Até então havia objetos: “noites pesadas”, “tempos de antes”, “gargalhadas brancas”, “o Imperador”, “os Caramurus”, “o murmurejo”, “os canhamboras”, “muita virgem-do-rosário”, “esta República temporã”, que faziam parte da memória do poeta e que pouco tinham a comunicar ao leitor, mas que a partir daquela estrofe, podemos supor, muitos brasileiros vieram a se sentir tocados pelo texto, porque também comungam dessas lembranças, seja pela via do conhecimento oral ou escrito. Além disto, há que considerar que é nessa estrofe que está a síntese, na qual o presente “A gente ainda não sabia se governar... /... Que o progresso também é uma fatalidade”, o passado “... progredimos um tiquinho” e futuro “Será o que Nosso Senhor quiser!” se expressam com clareza. Poeta e brasileiros, presente, passado e futuro em busca de um terceiro termo, ainda que não se saiba muito bem o que será do futuro “Será o que Nosso Senhor quiser”, porque ainda somos uma nação católica, de uma fé primitiva (fatalidade), nossa língua ainda engatinhando (curumim), “palavras incertas, lentas e frescas” que repete ladainhas por pura tradição “remurmuram sem malícia as rezas bem-nascidas”.

É a partir daí que a subjetividade do poeta induz o leitor a um consenso sobre o Brasil e vai concretizando uma declaração de amor. Quanto mais os pronomes pessoais e possessivos de primeira pessoa abundam, mais o leitor tem a impressão de que compartilha dessa emoção, desse sentimento do poeta em relação ao país, pátria, Brasil. Vale observar que nas cinco últimas estrofes, justamente nas quais a presença do eu-lírico se acentua, os leitores se irmanam ao poeta e argumentam que esse “eu, “meu” é muito mais um nós, pois a partir da presença do

“a gente” os leitores deixam de estar fora do texto. Na primeira parte, onde as referências são históricas e críticas, o leitor se sente excluído e está mesmo. Depois que o poeta os acolhe “A gente não sabia se governar... / Progredir, progredimos um tiquinho” o leitor vai se integrando no espaço do poema e já não se ressentia mais das suspensões que continuam caracterizando o texto. As assonâncias e aliterações, as repetições e o ritmo criam uma proximidade com o leitor. Ele já não necessita mais informações, ele não as solicita. Ele percebe que pode atribuir sentido sem que o mediador lhe explique o que quer que seja e, paradoxalmente, nessas cinco estrofes predominam as orações nominais. Aquela profusão de sujeitos e predicados (das quatro primeiras estrofes) que não se interrelacionavam e que causavam estranhamento, agora não são problema, justamente onde a linguagem é menos retórica e mais poética.

Concluímos com essa observação que não eram os fenômenos morfosintáticos que dificultavam a compreensão dos primeiros versos do poema, mas as referências lexicais. Os cortes, os saltos no discurso incomodavam numa primeira aproximação com o texto, mas a constatação de que essa era a maneira sob a qual estava construído o poema, fazia o leitor se voltar para um outro problema: o referencial. Neste caso, só a informação pôde permitir que o processo de leitura avançasse. Era necessário informar sobre o 2º. Império, sobre Dom Pedro II, sobre o sistema da escravidão, sobre o papel da religião no 2º. Império e os eventos que levaram à proclamação da República, para que o leitor pudesse tirar conclusões ou percebesse a ironia, a crítica do poeta quanto a essas mudanças na história do Brasil e mais adiante, compreendessem essas consequências para o poeta e para alguns brasileiros que compartilharam das mesmas sensações e sentimentos em relação às mudanças.

Se o que chamamos de primeira parte, ou as quatro primeiras estrofes (duas delas composta de um único verso) reclamavam uma compreensão de corte intelectual, muito mais pautada pelas referências

*O poeta come
amendoim:
considerações
sobre semiótica
poética*

históricas e culturais (cre'm-deus-padre, virgem-do-rosário) do que pelas morfossintáticas, suspensões e sequências narrativas (Duma feita.../ Por causa disso.../ Porém o desastre...), a última estrofe reclamava uma compreensão de corte mais intuitivo, com base em conhecimento mais sincrético e menos racional. Mas as duas estrofes intermediárias foram de fundamental importância para que os leitores percebessem as mudanças de registros. Nelas a passagem da linguagem coloquial (Será o que Nosso Senhor quiser!...), para a linguagem emotiva (Estou com desejos de desastres...), depois de ter estado às voltas com a função referencial da linguagem foi decisiva para compreender a função poética. O Brasil vai se particularizando (com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas/ Se encostando na cangerana dos batentes) e o léxico, apesar de desconhecido é compreensível, porque a animização facilita a construção de sentido. A esta altura o leitor está sintonizado com a sonoridade do poema, pois os sons de “violas” e o seu “gemer” lhe garantem um significado que, por sua vez, dispensa a explicação de vocábulos insólitos como “cangerana dos batentes”.

E ainda que o mediador tenha que explicar-lhe as oposições: desejos/ desastres; violas/ solidões sem sentido; desejos de gemer/ e de morrer, não precisará fazê-lo quanto aos versos “Brasil.../ Mastigado na gostosura quente de amendoim...”, guardados para o final do processo de leitura, não por sadismo do mediador, mas porque o leitor vai passando com conforto pela leitura dessas expressões: remeieixo melado melancólico, dentes bons, beijos que dão beijos, Brasil amado, pão-nosso onde Deus der, ritmo do meu abraço aventureiro, gosto dos meus descansos, balanço das minhas cantigas amores e danças. Cede de tal forma ao embalo do ritmo do poema, que chega a devanear. E se o colocamos a ler em voz alta, ele inventa maneiras várias de ler esses versos. Se outros tantos também lerem em voz alta teremos tantas melodias quanto leitores e não é preciso dizer o sabor que creditam a essa língua. Não custa chamar a atenção sobre a jovialidade da língua brasileira, que

reúne num só espaço (Brasil, Pátria) os três elementos que constituem a identidade do brasileiro: o índio (os Caramurus conspiram, os ventos muriçocas), a base portuguesa e seus traços distintivos (rezas, pão-nosso) e o africano (gargalhadas dos mulatos, meus beijos). Alguns leitores salientam também que “cre’ m-deus-padre” já é uma expressão mestiça, pois a origem portuguesa está modificada pela prosódia africana.

Haverá também quem queira entender o significado de “rezas bem-nascidas” e alguém que com a atenção posta na sintaxe, ainda exigirá uma explicação sobre o sujeito das orações: saem lentas.../ molham meus beijos/ e depois remurmuram... e haverá sempre alguém para sair em resposta. Equívocos são inevitáveis, mas a originalidade da mente e a inteligência respeitadas podem gerar soluções para o processo de reelaboração da leitura-compreensão e contribuir para a interpretação. Esta força dinâmica conduz a uma leitura significativa, pois acreditamos que as experiências bem sucedidas estão na origem das construções mentais. Se as experiências de leitura forem ricas e variadas podem vir a se transformar em “técnica de vida” que servem de suporte para outras aquisições, pois os leitores acabam por sistematizar tentativas.

Somos partidários da ideia de Freinet (1976) de que a educação consiste em variar os elementos da tentativa e do êxito, porque a inteligência é a faculdade de recordar experiências tentadas, comparar resultados, apropriar-se de experiências dos outros para satisfazer a própria necessidade de perfeição e progresso. Daí a importância da permeabilidade à experiência, o que na pós-modernidade não é muito fácil de conseguir, pois todos se acham muito sabidos e as crianças, já não apenas a juventude detém um poder que não corresponde a sua falta de vivência. Mas a atitude decidida de proporcionar estudo por parte do pesquisador colaborativo (mediador, professor) e a conveniência do teste experimental podem favorecer a reeducação, porque consideramos a experiência de leitura, a pesquisa, a reflexão e a própria investigação científica, atividades básicas para a aprendizagem do que quer que seja.

*O poeta come
amendoim:
considerações
sobre semiótica
poética*

111

Uma certa recepção está dada e pode ser perfeitamente suficiente para um certo nível de leitura, mas a leitura de texto literário tem que avançar, pelo menos no que diz respeito aos estudantes de Letras, e é neles que estamos pensando ao criar situações de leitura que lhes permitam vencer a dificuldade inicial, quando da aproximação com o texto literário e em seguida construir um modo pessoal de informar-se e de reelaborar a leitura. Nesta perspectiva, o conhecimento desse leitor, de sua forma sincrética (ver FERNANDEZ, 2005, p. 97-102) de atribuir sentido ao texto nos sugere uma exploração do texto com base na tradição popularizada, pois os vazios de significação mais contundentes dessa leitura que acabamos de descrever se referem justamente a essa área do conhecimento. Ou seja, o leitor hodierno desconhece vários fenômenos da cultura brasileira e, ainda que ele consiga dar conta dos procedimentos (estudando-os a partir das identificações no poema), continua faltando-lhe as referências e aí o papel do mediador de leitura é imprescindível, porque pode proporcionar essa sincronia da recepção com o significado latente, que é em última análise, um verdadeiro exercício de conhecimento para ambos: leitor e mediador. Neste ponto, cruzam-se informações já consagradas com as impressões, com os registros empíricos desses leitores mais jovens.

Paladar, olfato, tato, visão, audição e imaginação – é tudo o que o poeta desperta frente à leitura desse poema, mas tudo isto envolto num conhecimento sobre o Brasil, difícil de separar. A construção desse ambiente no qual se movimentam as personagens como num teatro de bonecos; uns descem, outros sobem, suas ações não se completam, são apenas sugeridas “Silêncio! O imperador medita seus versinhos...” é percebida pelos fragmentos de um verso ou outro que os leitores vão retirando e reencaixando no poema.

Assim, a junção das várias sugestões compõe um caleidoscópio capaz de dar ideia da afetividade da segunda parte contrabalançada pela crítica da primeira parte do poema. E a ninguém passa despercebida a ora-

ção adversativa que compõe o último verso, ainda que não desconfiem do sentido de “desastre verdadeiro” e de “embonecar esta República temporã”. Aqui é necessário toda uma interlocução com a memória e com novas informações dentro de uma perspectiva dialética da história. Canudos é o contraexemplo. E ao grupo de leitores se propõe outra “Viagem da descoberta do Brasil” (a viagem de Mário de Andrade e outros modernistas em 1924). É uma forma de percorrer um caminho de 400 anos de história com os leitores, a partir do qual eles podem traçar comparações com as sensações e racionalizações do poema.

Não fica difícil compreender então que ao fundir-se com os brasileiros “a gente”, o poeta passa a expressar sentimentos que afetam os brasileiros menos letrados. A segunda parte do poema é predominantemente sensorial, todos concordam, mas alguns estranham o fato de que quanto mais subjetividade, mais comunicação com o leitor. A profusão de “eu” e “meu”, de verbos na primeira pessoa: “amo”, “sou” na segunda parte, no entanto é assinalada por vários leitores sem, contudo, atinarem com a função desse evento no texto.

Um mergulho mais profundo no texto, entretanto, vai se fazendo com a colaboração de todos e alguém chega a pontuar a identificação do poeta com o Brasil. O Brasil não apenas amado pelo poeta, mas com quem ele se funde: “Brasil que eu sou” e destaca a carga de adjetivação em “minha expressão muito engraçada” que particulariza a fala brasileira, fala singular mesmo, tão cara aos poetas modernistas. Nessa segunda parte há muitos paralelismos, mas “aventuroso” e “engraçada” são palavras que ressoam nos respectivos versos, sem contudo rimarem. Esse “braço aventureiro” e essa “expressão muito engraçada” parecem identificar Brasil e poeta, porque “amo” e “sou” formam um par. São os verbos no presente que atualizam a emoção do poeta e faz com que seja a do leitor também, comentou alguém.

Não há uma ordem, uma sequência lógica, comenta desconfortável o mesmo leitor do início do relato. Como entender que “expressão muito

engraçada” e “sentimento pachorrento” têm conotação positiva? Que modo mais estranho de identificação! Mas outros lhe assinalam que a resposta está no ritmo dos versos, está na sonoridade das palavras escolhidas que, juntas, sugerem uma experiência sinestésica: audição e paladar produzem a essa sensação de gosto bom que está na palavra “gostosura”; outro lhe acena com a preguiça de Macunaíma, ao que o leitor desconfortável retruca: e essas “palavras incertas”, “beijos”, além desse “língua curumin”? E Macunaíma não é exatamente um exemplo positivo, acrescenta. Alguns tendem a fazer coro a sua inconformidade e não é difícil ver que eles estão se debatendo com seus preconceitos e provocados pelo texto, resistem, mas os leitores que embarcaram nas aliterações e assonâncias da estrofe os instigam a pronunciar em alta voz e a sentir o efeito do texto. Alguns acedem, outros terão que enfrentar-se com novos procedimentos para entender porque o poeta valoriza o ócio, a língua engraçada e porque assume seus “beijos”.

O jeito é favorecer a informação. *Mário de Andrade e o folclore* (FERNANDES, 1966) pode ser uma entrada oportuna para compreender que nacional, para Mário de Andrade, significava expressividade, existência de um padrão característico e próprio de cultura. Ele que era um analista da problemática da brasilidade, cuja via analítica amadureceu em razão dos estudos folclóricos e etnológicos. Sem esse aporte, a compreensão da obra de Mário fica prejudicada, pois se as suspensões, cortes e demais rupturas no plano morfossintático são passíveis de demonstração para o leitor, a questão de fundo: motivações estéticas e ideológicas de Mário demandam mais estudo, leitura de outros textos, cotejos, comparações, reflexões e é disto que é feito o estudo da literatura nos cursos de Letras.

Além disto, é impossível estudar o Modernismo Brasileiro ao qual a obra de Mário de Andrade se filia sem levar em conta o conhecimento do homem comum e de suas manifestações tradicionais. No caso específico de Mário, a literatura popular é seu posto de observação privilegiado, daí o aproveitamento dos procedimentos e temas da cultura

popular, especialmente da música, poesia, danças, bailados, folguedos e representações dramáticas. No poema em questão, esses gêneros estão considerados em alta conta, como pudemos observar e é de certa forma, o que dificulta a compreensão para alguns leitores, aqueles pouco acostumados com as coisas de um Brasil mais profundo ou, simplesmente, com o Brasil rural ou de regiões diferente da sua. Não entendem ou não aceitam, porque foram estimulados a valorizar o urbano e por pura ignorância.

A poesia de Mário considera sobre tudo um leitor com memória no que se refere às tradições brasileiras e nisto reside contraditoriamente parte da sua modernidade e da exigência em relação ao leitor. Porém, Mário trabalhava com a perspectiva pedagógica da arte (WISNIK, 1977) ao mesmo tempo que buscava espontaneidade em sua poesia, elementos que auxiliam na recepção, posicionada no sentir e no entender. Mário considerou no “Prefácio Interessantíssimo” que o passado é lição para meditar, não para reproduzir e é isto que este poema propõe ao leitor: uma poesia do ouvir, como a que se ouvia “nos tempos antes de eu nascer”. Porque nesse tempo, os três elementos que compõem a brasilidade eram audíveis: as gargalhadas dos mulatos, os ventos muriçocas e o gemer das violas.

Entretanto, a inclusão do leitor no poema é o traço da obra de Mário que mais provoca estranhamento, porque o nosso leitor ainda não se acostumou com o fato de o leitor ser invocado pela estrutura do texto, melhor dizendo, desconhece a noção de leitor como estratégia textual (ECO, 1983). E a obra modernista se caracteriza entre outras coisas, preferencialmente, pela sacudidela no gosto (Semana de Arte Moderna de 1922), além de marcar a importância do homem comum e das manifestações tradicionais no quadro da modernidade. Mais que isto, os procedimentos da poética popular assimilados pela poética de Mário de Andrade tinham como objetivo devolver ao leitor parte de sua cultura, por extensão de sua identidade, que o processo de modernização vinha corroendo.

*O poeta come
amendoim:
considerações
sobre semiótica
poética*

115

Não resta dúvida que estamos diante do material de fundo que o escritor elegeu como substância de seu comportamento estético, portanto, o estranhamento de nossos leitores é perfeitamente justificável.

Essa experiência pauta-se por colocar em cheque as dificuldades de aproximação, reflexão/informação e reelaboração do processo de leitura dos textos poéticos com os alunos dos cursos de Letras. Expor várias leituras e dar a conhecer as motivações das leituras do outro é colaborar para a consciência do modo de saber de cada um e da autoconsciência própria. Porque a leitura nos dá possibilidades, recursos, flexibilidade, diversidade, respeito e compreensão sobre os diversos produtos culturais. E essa relação crítica com a linguagem é que permitirá que saíamos da circunstância na qual estamos mergulhados. Nesta perspectiva, a leitura é uma experiência no sentido de um prazer “como princípio crítico”, cujo conhecimento resultante deriva justamente de uma relação de desejo e produção de sentido.

Sabemos que a atividade do crítico e do leitor é, em muitos sentidos, antitética, pois o crítico se situa à distância da obra porque ele tem que julgá-la, classificá-la e a finalidade da sua tarefa é produzir um discurso, o discurso crítico; ao passo que o leitor não precisa distanciar-se, nem mesmo analisar a obra, mas pode refletir sobre o que lê, comparar e comentar. Sua tarefa não precisa restringir-se ao prazer solitário, pode ao contrário, contribuir para algum tipo de socialização. Neste sentido, o poema de Mário propicia ao leitor real ou destinatário a oportunidade de conhecer uma categoria textual insuspeitada para ele que é o leitor implícito, uma figura textualizada, central nas modernas teorias da recepção. O trabalho a que nos dedicamos pretende justamente preencher a lacuna que existe neste espectro que vai do leitor ingênuo ao crítico especializado, pois se ao autor corresponde cifrar e construir o texto, ao leitor corresponderá decifrá-lo, obter uma interpretação.

Trabalhamos assim, na perspectiva de uma hermenêutica, que entende a relação texto-leitor como um diálogo, no qual o receptor deixa de ser passivo para converter-se (não) em protagonista, mas em um ator,

de posse de ferramentas especializadas, como compete aos profissionais liberais. Compartilhamos, contudo, da assertiva de Gadamer (1975 apud SELDEN, 2001) de que a liberdade de interpretação do leitor está condicionada ou limitada pelo texto, pois a interpretação literária consiste em percorrer de forma instrumentalizada a distância entre significação (linguística) e sentido (comunicativo). E caminhamos na direção de uma perspectiva de Iser (1979) sob a qual os leitores incorporam o texto a sua consciência e o convertem em sua própria experiência. Essa situação permite que a concepção de mundo do leitor seja modificada como resultado do efeito que o texto lhe provoque e é nisto que o nosso trabalho aposta.

*O poeta como
amendoim:
considerações
sobre semiótica
poética*

117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Clá do Jabuti** (1927). Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1987. p. 161-206.

ECO, Umberto. **Leitura do texto literário: lector in fabula**. Tradução de Mário Brito. Lisboa: Presença, 1983.

FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. In: **Depoimentos 2**. Mário de Andrade. São Paulo: GFAU, 1966.

FERNANDEZ, Sonia I.G. Ensinar/aprender espanhol entre brasileiros: visão transcultural. In: SEDYCIAS, J. (Org.). **O ensino do espanhol no Brasil**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 97-128.

FREINET, Célestin. **Ensaio de Psicologia sensível**. Lisboa: Presença, 1976. v. 1 e 2.

GREIMAS, A. J. **Por uma teoria do discurso poético: ensaios de Semiótica Poética**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1975. p. 11-31.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. Costa Lima, L. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-131.

JAUSS, Hans R. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: COSTA LIMA, L. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 85-103.

Sonia I. G.
Fernandez

SELDEN, R., Widdowson, P; BROOKER, P. **La teoría literaria contemporánea**. Barcelona: Ariel, 2001. p. 185-227.

118

WISNIK, José Miguel. **O coro dos contrários**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.